



Ana Loya
Administradora
da Ray Human
Capital

Mas, se o rei vai nu...

Estive em Londres no fim de semana e, habituada a viver na capital de um país em que é proibido abrir o comércio fora de horas e aos domingos (exceto se for oriundo da China e tiver dinheiro para abrir uma loja numa zona A comercial), fiquei de novo maravilhada com a animação nas lojas e ruas, durante todo o fim de semana. De certeza que ninguém dos nossos sindicatos concordará comigo, nem com a minha afilhada de 14 anos que dizia: “Mas assim têm de ter mais empregados, não é?” ... Pois é!!! Percebi que é muito mais difícil de explicar uma estupidez a uma adolescente do que defender, catedraticamente, a mesma estupidez perante uma audiência adulta, informada e evoluída. Não lhe consegui explicar porque é que, se assim as lojas vendem mais e empregam mais pessoas, em Portugal tal é proibido. Emerge, como na história de “o Rei vai nu”, a evidência de algumas idiosincrasias das nossas leis. Mesmo com uma leitura em diagonal do programa sugerido para a reabilitação do naufrágio português, não se vislumbra quase nada que, sem a vontade e inteligência lusa, permita aliviar o negro cenário da empregabilidade. O programa é de recuperação financeira (para podermos pagar as dívidas) e não económica! Essa responsabilidade é nossa. Não há *troikas* de governos, nem *troikas* de sindicatos. Não há *troikas* que mudem as nossas leis, se nós não as mudarmos, nomeadamente a do trabalho, e aquela que impede uma maior dinâmica, pelo menos do comércio no seu sentido mais lato. Mas sobretudo não há *troikas* para se substituírem aos portugueses que, de uma vez por todas – pelo menos enquanto eu for viva – precisam de agarrar nas mãos a sua própria história. Até lá, corremos o risco de ser uma espécie em extinção.